

Aproximações de Alfonsina Storni com o público feminino em Buenos Aires: uma abordagem a partir de diálogos com as ideias bakhtinianas

Los acercamientos de Alfonsina Storni al público femenino en Buenos Aires: una aproximación a partir de diálogos con las ideas bakhtinianas

Nathalia Maynard Cadó¹
nathaliacado@gmail.com

Resumo: O artigo investiga a relação entre a escritora Alfonsina Storni e seu público leitor feminino em Buenos Aires nas décadas de 1920 a 1930, focalizando a leitura de suas crônicas sob uma perspectiva bakhtiniana no contato entre “eu e outro”. O objetivo principal do trabalho é compreender como Storni utilizou a linguagem para estabelecer um contato efetivo com suas leitoras, explorando temas sociais relevantes como divórcio, direitos das mulheres e críticas à sociedade conservadora da época. A análise metodológica se baseia nas concepções bakhtinianas de “gênero”, “discurso”, “relações axiológicas” e seu efeito nas relações dialógicas que são construídas em meio ao projeto de crônicas de Storni. Dessa forma, examina-se como a autora construiu seus textos para engajar suas leitoras, refletindo e contestando as normas sociais da época, incluindo também uma investigação de como as definições bakhtinianas revelam-se na crônica *Existe un problema femenino?*, escrita em 1920. Como teoria, utilizou-se o texto “Gêneros do Discurso” de Bakhtin e também artigos que discutem as ideias trazidas pelo filósofo da linguagem; para contextualizar o perfil das crônicas de Storni e a historicidade de Buenos Aires, recorreu-se a estudos de Beatriz Sarlo, Graciela Queirolo e Stella M. Longo. Quanto aos resultados da análise, destaca-se a relação que a crônica em estudo de Storni estabelece com concepções bakhtinianas, principalmente às ideias de gênero primário, secundário e relações axiológicas como forma de fomentar a sua aproximação com o público feminino.

Palavras-Chave: Alfonsina Storni; Crônica; Bakhtin.

Resumen: El trabajo investiga la relación entre la escritora Alfonsina Storni y su público lector femenino en Buenos Aires entre las décadas de 1920 hasta 1930, con enfoque en la lectura de sus crónicas en una perspectiva desde Bajtín en el contacto entre el “yo y el otro”. El objetivo principal del trabajo es comprender cómo Alfonsina Storni utilizó el lenguaje para establecer un contacto efectivo con sus lectoras, explorando temas sociales relevantes, como el divorcio, derechos de mujeres e críticas a la sociedad conservadora de la época. El análisis metodológico se basa en los conceptos de Bajtín de “género”, “discurso”, “valoración” y su efecto en las relaciones dialógicas que se construyen en el proyecto de crónicas de Storni. De este modo, se examina cómo la escritora ha construido sus textos como forma de aproximación de sus lectoras, reflejando y contestando las normas sociales de la época, incluyendo también una investigación de cómo las

¹ Doutoranda em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na área de concentração Teoria da Literatura e linha de pesquisa literatura, história e memória (PUCRS).

definições de Bajtín se encontram em a crônica *¿Existe un problema femenino?*, escrita em 1920. Como teoria, se ha utilizado o texto “Gêneros do Discurso” de Bajtín y también artículos que discutem as ideias traídas por o filósofo do lenguaje; para contextualizar o perfil de las crônicas de Alfonsina Storni y la historicidad de Buenos Aires, se ha recorrido a estudos de Beatriz Sarlo, Graciela Queirolo y Stella M. Longo. Em relação a los resultados obtenidos, se destaca a relação que a crônica em estudo de Storni estabelece com conceptualizações de Bajtín, principalmente a lo que se dice quanto a gênero primario, secundario y sus relaciones de valor como forma de intensificar su aproximación com o público femenino.

Palabras-clave: Alfonsina Storni; Crônica; Bajtín.

INTRODUÇÃO

Acredita-se que a literatura e os estudos da linguagem são dois campos do saber que podem articular-se de forma conjunta e colaborativa. Partindo dessa premissa, o presente estudo tem como tema o estudo das crônicas de Alfonsina Storni no viés bakhtiniano, como forma de assimilar o vínculo entre autora e leitora - fazendo alusão ao “eu e o outro” de Bakhtin - através da linguagem como fundamental para que a escritora alcançasse o público feminino com suas temáticas sociais questionadoras. Dessa forma, o objetivo do artigo é compreender de que forma Alfonsina Storni conseguiu aproximar-se do público leitor feminino de Buenos Aires no contexto de produção de suas crônicas na capital argentina - ou seja, entre os anos 1920 a 1930 - na relação autora e leitora, a partir da linguagem de seus textos. Parte-se da premissa de que compreender essa relação é fundamental para o entendimento do projeto jornalístico da escritora. Alfonsina Storni escreveu crônicas e ensaios, publicados em jornais e revistas argentinas com grande circulação na época, trazendo temáticas como o divórcio, o direito ao voto e ao trabalho assalariado feminino, além da denúncia de uma sociedade conservadora que enxergava a figura feminina como voltada estritamente ao âmbito doméstico. Além disso, Storni esteve em meio a um corpo social marcado por diferentes e recentes acontecimentos históricos, como urbanização, aumento de classes médias, difusão de jornais e revistas, e o início de organizações feministas na cidade. A teoria a ser utilizada no trabalho é de abordagem bakhtiniana, focando nos conceitos de “gênero” e “discurso” para a análise

dos textos, assim como constatar de que modo as relações axiológicas² presentes perpassam nesses textos na relação autora e leitora, resultando em uma relação dialógica. Quanto à parte histórica, optou-se em utilizar o estudo de Beatriz Sarlo (2010), intitulado “Modernidade Periférica” por contextualizar a capital argentina entre os anos 1920 a 1930 em uma abordagem que tem como foco a relação social com a literatura.

A metodologia de análise será a relação das ideias bakhtinianas com as características das crônicas de Alfonsina Storni, fazendo relações com o contexto histórico de produção e também a discussão sobre “gênero” e “discurso” a partir da leitura de Bakhtin, além de evidenciar a noção de relação axiológica permeando tais noções. Também essas ideias serão verificadas em correlação com a crônica storniana *¿Existe un problema femenino?*

O referencial teórico do trabalho está organizado apresentando, primeiramente, uma biografia de Alfonsina Storni em seu viés cronístico e uma contextualização de Buenos Aires entre os anos 1920 a 1930; posteriormente, explica-se o perfil e características das crônicas de Alfonsina Storni. Já na segunda seção do artigo há uma retomada do texto “Gêneros do Discurso”, de Mikhail Bakhtin (2016) tendo como foco a discussão da forma que o autor articula as ideias de *gênero* e *discurso* ao longo do seu trabalho, e como tais noções podem ser concernentes com o perfil das crônicas de Storni. Na última seção, realizou-se um estudo analítico com a crônica *Existe un problema femenino?* de Alfonsina Storni convergindo com os ideais de Bakhtin analisados.

2 ALFONSINA STORNI E O SEU ENTORNO HISTÓRICO E SOCIAL: BUENOS AIRES ENTRE 1920-1930

2.1 ALGUNS DADOS BIOGRÁFICOS SOBRE ALFONSINA STORNI

“Una mujer excepcional, inteligente, pero fea, que transgredió las normas sociales de su época, ya sea por su condición de madre soltera o, en menor medida, por su perfil

² Ao longo do estudo optou-se em utilizar os termos “relação axiológica” e “valoração” como equivalentes.

de luchadora feminista” (Queirolo, 2014, p. 8). Início a parte teórica deste artigo com uma das tantas definições que já li sobre Storni ao longo de minhas pesquisas, mas algo que é tangente a grande maioria de tais conceituações: ser uma mulher que está à frente de seu tempo. Ao ler um texto da autora, ou conhecer sua história de vida, deve-se ter em mente que se fala de uma mulher que não seguia convenções que eram “esperadas” por uma mulher argentina em seu período de vivência. Alfonsina Storni foi uma escritora considerada argentina que escreveu poesias, peças de teatro e crônicas. Nasceu no dia 29 de maio de 1892 em Sala Capriasca, um pequeno povoado que fica na divisa entre a Suíça e a Itália, com pertencimento sueco.³ Veio à Argentina quando tinha apenas quatro anos de idade com a sua família. Viveram em San Juan e posteriormente em Rosario, onde Alfonsina permaneceu ao longo de sua adolescência. Com 21 anos, no ano de 1912, foi a Buenos Aires, sozinha, grávida, sem a presença paterna de seu filho e disposta a criá-lo sozinha, sendo alvo de muitas discriminações por parte da sociedade bonaerense. Josefina Delgado (2010), em biografia escrita sobre a autora, descreveu o plano de fundo da capital argentina na época em que Storni chegou:

La vemos a esa muchacha criada entre montañas caminando con los ojos muy abiertos por las calles iluminadas, frente a los teatritos del centro, subiéndose a los tranvías que cruzaban la ciudad, contemplando con admiración los enormes edificios de la Avenida de Mayo, la extraña construcción de Obras Sanitarias... Y en esa mezcla de costumbres y tradiciones que se suman, comienza a surgir una nueva manera de hablar, que logró hacerse fuerte a través de las letras de tango (Delgado, 2010, p. 57).

Nota-se que o cenário em que a autora se inseria vivia profundas transformações históricas e sociais. Quando chegou em Buenos Aires, seu primeiro emprego na área da escrita foi como uma espécie de “correspondente psicológica”. Por ser mulher e ainda

³ Considera-se Storni como uma escritora argentina em meu critério de pesquisa, levando em consideração sua identificação com o povo e cultura argentina, além de ter produzido toda a sua literatura em terras portenhas.

muito jovem, foi extremamente difícil conseguir esse emprego; mesmo que as mulheres estivessem começando a aderir ao espaço público na época, ainda existia muita distinção de gênero, principalmente em relação ao trabalho e direitos civis. Alfonsina foi aceita no emprego de correspondente psicológica por duzentos pesos argentinos, e o empregado antigo, por ser homem, ganhava o dobro. “Acceptar el empleo de *corresponsal psicológico* fue la única salida, pero no era lo que quería” (Delgado, 2010, p. 30). O mais importante deste emprego foi que a auxiliou a publicar o seu primeiro livro de poesias, intitulado *La inquietud del rosal*, de 1916.

Dez anos depois, estando Alfonsina já com trinta e um anos, em uma entrevista pública feita pela revista *Nosotros*, foi considerada pela população como uma das melhores poetisas argentinas contemporâneas de sua época. Nesse período, Alfonsina já trabalhava de forma intensa e excessiva: colaborava com o periódico *La Nación* e a revista *La Nota*, ambos com colunas semanais, sem contar os textos que escrevia paralelamente às demais revistas. Além do mais, já tinha começado a dar aulas de teatro para crianças; além de professora, escrevia suas próprias peças de teatro para que seus alunos atuassem. Também havia reportagens sobre Storni nas principais revistas da época, ressaltando o seu sucesso na sociedade. Em seus textos, seja poesia, teatro ou crônica, a figura feminina sempre se mostrou bastante evidente, pautado sobretudo nos direitos femininos que começavam a ser contestados na época em centros feministas que algumas mulheres se juntavam para discutir sobre os seus direitos, e que aos poucos iam ficando mais visíveis na sociedade portenha.

Alfonsina Storni faleceu no dia 25 de outubro de 1938. Teve uma vida marcada por uma defesa às sujeitas femininas, mas também passou por profundos momentos de tristeza, marcados pela discriminação por ser tão excêntrica em uma sociedade que ainda estava em raízes conservadoras, pautadas num comportamento feminino ideal e recatado. Além disso, alguns meses antes de seu suicídio, havia descoberto um câncer, recusando o seu tratamento adequado. No dia de sua morte, conforme material de Josefina Delgado (2010), rádios anunciavam que a Argentina perdia uma das maiores vozes femininas da

América. Mostra-se o reflexo de seu talento para escrever, mas principalmente da importância singular que teve para a reivindicação da falta de direitos das mulheres e que estas os questionassem. Inegavelmente, isso estabeleceu-se através da relação da autora com essas sujeitas, ao dar voz e protagonismo às mesmas em seus textos, usando a língua como principal ferramenta ideológica.

2.2 PERFIL DAS CRÔNICAS DE ALFONSINA STORNI

O corpo de crônicas e ensaios de Alfonsina Storni - ou seja, suas contribuições para o jornalismo argentino - encontram-se em mais de cem textos, sendo que muitos foram perdidos ou estão apenas em fragmentos. Em todo o caso, trata-se de um material essencial para compreender o sujeito feminino na época e principalmente como as mulheres eram vistas na sociedade argentina nas duas primeiras décadas do século XX. Nesta seção do artigo, será explicado um pouco do projeto de crônicas de Alfonsina Storni, as principais temáticas e contestações da autora através de seus escritos, ressaltando o que buscou transmitir ao público feminino da época, para que posteriormente seja explicado através da abordagem bakhtiniana uma das formas de interpretar essa relação “eu e outro”. Os estudos foram feitos com base no que foi postulado por Graciela Queirolo (2007) e Stella M. Longo (2007), as quais realizaram estudos sobre as crônicas de Storni em relação ao feminismo e historicidade. Conforme Beatriz Sarlo (2010), a expansão do jornalismo argentino veio não apenas pela urbanização recente no país, mas também pela mudança de interesse do público leitor. De acordo com a pesquisadora, isso estava ligado também a uma nova relação que a literatura consumida pela população gostaria de estabelecer:

oferece um material montado sobre a base de artigos breves, que podem ser integralmente consumidos durante o trajeto para o trabalho, na plataforma do bonde, ou nos vagões de trem e metrô. O jornal, por seu formato de tablóide, não requer a comodidade da casa ou da escrivaninha (Sarlo, 2010, p. 41).

Com a expansão do jornalismo e grande número de leitores desse recurso textual, constato que foi parte do projeto literário de Alfonsina Storni escrever crônicas que atingissem não apenas um grande número de leitores, mas que estes fossem em sua grande maioria mulheres, e através de seus textos começassem a repensar seu lugar na sociedade e também reivindicar os seus direitos. De acordo com Queirolo (2014), os textos de Storni destacam reflexões sobre a desigualdade social da época - anos 1920 a 1930 -, numa conjuntura de subordinação das mulheres aos homens. E que “a pesar de estar habitada por los principios normativos comunes a todos, es capaz de analizarlos, desarmarlos y proponer visiones alternativas” (Queirolo, 2014, p. 8).

Propor uma visão alternativa da historicidade argentina nesse período dialoga com a noção de trazer uma outra identidade às mulheres, a fim de repensar o modo como a sociedade as via. De certa forma, isso também crescia em conjunto com o propósito de jornais da época: dar uma identidade a um país que sofria uma nova configuração geográfica e cultural em torno do processo de modernidade. Alfonsina Storni, portanto, teve no jornalismo um papel crucial para a formação de uma nova identidade feminina, e também dar um protagonismo às mesmas. Sua história de vida foi marcada pela liderança familiar da mãe como provedora do sustento; assim, a história de vida da autora também refletiu muito em seu propósito de vida com suas leitoras por meio de seus textos.

A carreira periodística de Storni começou no jornal *Frey Mocho*, em 1912, seguindo de contribuições em *Caras y Caretas*, *El Hogar* e *Mundo Argentino*. Posteriormente consagrou sua profissão com uma seção fixa na revista *La Nota* e posteriormente no jornal *La Nación*. Nessa mesma época, muitas questões em torno da identidade feminina permeiam a sociedade argentina; nessa época, embora ainda muito marcada por um contexto conservador, já existia no país as primeiras organizações feministas: grupos de mulheres que se juntavam para debater questões referentes aos seus direitos, como afirmou Queirolo (2007): “las mujeres se hicieron visibles en el mundo de la política a través de las organizaciones feminista y en el mundo del trabajo asalariado” (Queirolo,

2007, p. 103). Alfonsina esteve presente em muitas destas reuniões; por outro lado, nem todas as mulheres participavam destes eventos, já que muitas não concordavam com esses ideais, e por ainda seguirem padrões delimitados por uma estrutura hegemônica conservadora. Alfonsina Storni, ciente de todas essas situações, não quis atingir apenas as mulheres que se consideravam feministas, mas também àquelas que não se sentiam confortáveis em contestar seus direitos, que viviam num ambiente patriarcal e doméstico. Portanto, Storni escreveu para todas as mulheres de seu tempo.

A Argentina, mesmo vivendo em um campo de democratização e busca de identidade própria novamente após o período de grande imigração, não concedeu às mulheres o respeito e equidade de direitos de um modo justo e igualitário. De acordo com Longo (2017) o campo democratizador teve um reflexo na cultura, o que incluiu um número maior de intelectuais. Por outro lado, “Muchos de los nuevos intelectuales incorporados al campo cultural constatan, además, que los cambios acaecidos en el contexto político y social han vuelto obsoletos o inoperantes los discursos que orientaban el cuerpo social” (Longo, 2017, p. 467).

Para Longo, o feminismo viveu embates com o conservadorismo. Na Argentina, apenas em 1926 as mulheres passaram a ser portadoras de seus direitos civis, e dez anos depois veio um projeto político tentando modificar esta lei. É importante frisar também que nessa época as mulheres ainda não tinham direito ao voto feminino, pois este só foi sancionado em 1947. Ou seja: apesar de viver-se em um campo aparentemente de democratização e busca por identidade, os direitos das mulheres ainda eram questionados e caminhavam a passos lentos. Essa foi a principal denúncia das crônicas de Alfonsina Storni e a aproximação que esta buscou com suas leitoras, para que estas também estivessem conscientes dos direitos que mereciam. Segundo Longo (2017), em uma das crônicas de Storni:

Detalla cómo el protagonismo del movimiento feminista y la influencia política de algunas mujeres en el sistema plural de partidos políticos articulado a partir de 1916 condujo desde temprano a tratar la situación de la marginalización civil de mujeres casadas” (Longo, 2017, p. 473).

Desta forma, nota-se que o perfil das crônicas de Alfonsina Storni foi sobre refletir as condições e direitos das mulheres na sociedade. A forma como expressa isso, em modo de denúncia, é uma característica de seus textos e propõe com que as leitoras mulheres reflitam sobre sua condição atual. Além disso, mencionou em seus textos questões como o divórcio, o direito à maternidade sozinha e pôs em evidência a movimentação dos centros feministas que começavam a existir na época.

Assim como Longo (2017) destacou a modernidade como um dos pilares constituintes das crônicas de Alfonsina Storni, Queirolo (2017) colocou esta escritora como integrante de um corpo de mulheres latino-americanas que tinha como princípio expressar subjetividades femininas nesse contexto moderno recente. Para a pesquisadora, “Alfonsina Storni no solo critica la subordinación femenina, sino que también propone la inclusión plena a la mujer en el mundo público” (Queirolo, 2017, p. 103). Logo, nos textos de Storni predomina essa defesa da mulher como portadora de seus próprios direitos. Verificando o contexto ainda muito conservador da época, Storni, na revista *La Nación*, utiliza-se de um pseudônimo masculino intitulado Tao Lao, pois acreditava que com uma voz masculina conseguiria atingir um público maior de leitores, independente do seu gênero, já que em seus textos posicionou-se criticamente em relação às convenções da época. Para a autora, em seus textos, além do uso do pseudônimo masculino em parte de seus textos para posicionar-se predomina-se recursos de linguagem como a ironia; logo, a crítica aparece, não de modo tão explícito por conta das convenções hegemônicas do contexto argentino, mas trazem um profundo reflexo quanto às questões de gênero. De acordo com Queirolo (2007):

Sus crónicas son testimonios de un trabajo performativo en el cual dialogan críticamente las prescripciones de género de la ideología de las esferas separadas, con las innovaciones de género reivindicadas por la cronista. Sin dudas, es precisamente dicha performance, la que nos permite hablar de una subjetividad transformada; subjetividad que, por otra parte, encuentra eco en otras mujeres argentinas y latinoamericanas. De esta manera, Storni no es una excepción, ni una

mujer transgresora, sino parte de un clima de ideas. (Queirolo, 2007, p. 107).

Para Queirolo, portanto, consta no projeto de crônicas da autora reivindicações na visão de gênero da época, representando não somente mulheres argentinas, mas também todas as latino-americanas, aproximando-as de um contexto de modernidade vigente. Além disso, Storni acreditava que para que fosse almejada uma igualdade de direitos das mulheres era necessário, antes disso, compreender e discutir os seus direitos civis, o que incluía uma transformação na forma da sociedade ver a questão de gênero.

2.3 BUENOS AIRES ENTRE 1920-1930 E O SURGIMENTO DE UM NOVO PÚBLICO LEITOR: UMA NOVA RELAÇÃO VALORATIVA ENTRE O “EU E O OUTRO”

Pode-se definir o ambiente histórico e social de Buenos Aires como um local de urbanização acelerada, aumento da classe média e também um novo perfil de leitura. Esse momento histórico corresponde às duas primeiras décadas do século XX. Para essa ambientação, foi utilizado o embasamento teórico de Beatriz Sarlo (2010), a qual realizou um estudo sobre a historicidade da capital argentina durante as décadas de 1920 a 1930 em uma perspectiva social e cultural.

Como consequência da primeira guerra mundial, muitas nações migraram para regiões da América. Constata-se em Boris Fausto e Fernando Devoto (2004) que o número da população praticamente dobrou em 20 anos: em 1900, com 4,6 milhões de pessoas e em 1920, 8,8 milhões de habitantes. Em 1914, cerca de 30% da população que estava na Argentina era imigrante, o que teve como consequência de um processo de urbanização acelerada que estava prestes a acontecer. Logo, foi a cidade com maior presença europeia fora deste continente. Como consequência do fluxo migratório, a cidade alterou sua geografia e conseqüentemente o comportamento da sociedade, conforme Beatriz Sarlo (2010):

Montam a biblioteca do aficionado pobre; atendem a um novo público e, ao mesmo tempo, o estão produzindo, proporcionando-lhe uma literatura responsável do ponto de vista moral, útil por seu valor pedagógico, intelectual e economicamente acessível. Essas editoras e revistas consolidam um circuito de leitores que, também por causa da ação do novo jornalismo, está mudando e se expandindo: trata-se de uma cultura que se democratiza a partir do polo da distribuição e do consumo (Sarlo, 2010, p. 40).

Considerando os pressupostos mencionados, constata-se que o jornalismo alterou de acordo com as novas convenções da época, o que também resultou em uma nova forma de ver a literatura. A partir da citação, verifica-se que a cidade estava em constante transformação; ressalta-se que não apenas na sua perspectiva geográfica, mas também social, o que de certa forma também interfere na linguagem e na forma de comunicação com o outro. Essa ideia estabelece ligações com os ideais bakhtinianos, ao dizer que a linguagem é constituída não apenas num modo estético, mas que esta transforma-se nas relações entre o “eu e o outro”. Essa abordagem, relacionando-se à historicidade argentina, faz uma alusão direta à vinculação entre autora e leitora estabelecida por Storni. Conforme Faraco (2017), o foco de Bakhtin foi incluir o cultural e social na imanência do objeto estético, trazendo a ideia de autor-criador:

A característica central da função autor-criador é a de materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo. E essa relação axiológica é uma possível dentre as muitas avaliações sociais que circulam numa determinada época e numa determinada cultura. (Faraco, 2017, p. 47).

Com uma nova sociedade em constante transformação como Buenos Aires, é inegável que a relação entre o “eu e o outro” também sofrerá suas alterações. Em termos bakhtinianos, infere-se que a presença estrangeira na sociedade mudou o posicionamento axiológico ao enxergar o outro. Para o filósofo Bakhtin, o mundo relacionado com o “eu e o outro” recebe valorações distintas, e isso está totalmente ligado ao momento histórico desse autor-criador e também o receptor. *Viver*, para Bakhtin e Volochinov é, dessa

forma, “assumir posições axiológicas a cada momento da vida ou posicionar-se em relação a valores”. (Bakhtin e Volochinov, 1993, p. 187-188). Em relação ao objetivo do artigo, é inegável que um contexto histórico altera profundamente as relações sociais entre os sujeitos, assim como o modo de pensar, sendo importante analisar de que forma é constituída essa relação entre o “eu e o outro”; no caso da literatura, destaco essa relação entre autor-criador e o seu leitor, que esteve como ponto de importância na difusão do jornalismo argentino na época. Segundo Sarlo (2010), nesse período, o jornalismo e a literatura encontram-se vinculados. Outro fato curioso que relaciona Bakhtin com esse contexto histórico é que, à luz das mudanças culturais e sociais de Buenos Aires na primeira década de 1920, o filósofo começou a escrever os seus primeiros manuscritos, segundo material de Faraco (2017). Mesmo que Bakhtin estivesse na Rússia e a abordagem histórica desse artigo seja sobre a capital argentina, ressalta-se que nesse período a região recebeu muitos imigrantes vindos de diversas regiões do mundo, e sobretudo da Europa. Para Faraco (2017) Bakhtin “Estava, nesse sentido, afinada com seu tempo, ou seja, com os efeitos teóricos das transformações do fazer artístico ocorridas nos fins do século XIX e início do XX” (p.47), corroborando a importância do autor a refletir sobre a linguagem ligada com o social e como atividade humana entre sujeitos.

3. (RE) LEITURA DA HISTORICIDADE DE BUENOS AIRES E CRÔNICAS DE ALFONSINA STORNI: UMA PROPOSTA DE ABORDAGEM REFLEXIVA CONSIDERANDO GÊNERO, DISCURSO E RELAÇÃO AXIOLÓGICA

Nessa parte do artigo serão discutidas algumas reflexões bakhtinianas sobre gênero, discurso, valoração e dialogismo à luz dos textos e intencionalidade de Storni como forma de aproximar, por meio de seus textos jornalísticos, as leitoras mulheres de seus direitos na sociedade. Reitera-se que esses conceitos não são de total autoria de Mikhail Bakhtin, mas foram construídos juntamente com Volóchinov e Medviédev no Círculo. Este artigo levará em consideração textos próprios do Bakhtin para discussão, mas sempre deve-se ter em mente de que as reflexões propostas pelo filósofo são

resultados de conversas e estudos dentro do próprio Círculo. Outrossim, ressalvo que meu objetivo nesse artigo não é comprovar ou não se os conceitos bakhtinianos aparecem no texto de Storni, mas propor uma análise evidenciando de que forma estão presentes para compreender a relação da escritora com suas leitoras, já que, para Bakhtin, a linguagem é constituída de tais princípios e não há texto que não os contenha.

O texto “Gêneros do Discurso” foi escrito por Mikhail Bakhtin entre os anos de 1950 a 1960 em forma de manuscritos. Chama a atenção este texto pelo fato do autor refletir, juntamente com o leitor, a noção de gênero discursivo, sem trazer conceitos prontos para cada termo que evoca ao longo de sua escrita. Ao longo da leitura, as ideias relacionadas são construídas e reproduzidas, podendo afirmar que a presença de um “outro” é fundamental para o espelhamento desse “eu”, o “autor-criador” do texto. Bakhtin partiu da tese de que os gêneros já eram discutidos desde a antiguidade, mas complementa trazendo a ideia de gênero discursivo, o qual inclui diálogos e retratos com a vida social. É importante frisar que a ideia de linguagem é inovada pelo filósofo ao trazê-la indissociável com o campo da atividade humana. Além do mais, as ideias de valorização aparecem tangenciais ao longo do estudo de gêneros para o filósofo, pois são indissociáveis ao discurso e sendo constituintes de todo o processo de diálogo, embora o autor não traga esses conceitos de forma clara e objetiva no texto, mas sim construídas com o leitor.

No início do texto, o autor já afirmou que o uso da linguagem é multiforme, mas respeitando a unidade da língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados, que o autor os caracteriza como “concretos e únicos”, e sempre ligados ao momento da atividade humana que o prolifera. O enunciado para Bakhtin é irrepitível e sempre relacionado com o contexto de uma atividade humana, formando-se na relação entre o “eu e o outro”. No entanto, para que haja compreensão destes enunciados, tanto por quem os proliferam quanto por quem os ouve ou recebe, é necessária uma relação total com a conjuntura social em que este enunciado é inserido, e em tal plano de fundo é onde se encontram os gêneros do discurso. De acordo com o próprio autor: “Evidentemente, cada

enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*”. (Bakhtin, 2016, p. 12). Portanto, tais campos precisam ser estáveis para que haja essa efetivação do enunciado na relação constitutiva entre o “eu e o outro”. Conforme Barbosa e Di Fanti (2020), o entendimento de enunciado é fundamental para a compreensão do que é um gênero discursivo, dado que muitas vezes há interpretações equivocadas e/ou que não analisam a ideia de gênero em sua totalidade. No caso, a ideia de gênero deve estar ligada com o campo discursivo não somente da situação, mas também do sujeito que o reproduz:

Um trabalho com os gêneros do discurso, sob esse enfoque, considera, entre outros tópicos, que os gêneros se organizam via construção de enunciados que se produzem e circulam em determinada esfera de atividade humana, por meio de um dado projeto de dizer do autor (locutor), endereçado a alguém (interlocutores reais ou presumidos), por meio de certas valorações ideológicas, com vistas a cumprir uma dada função social (Barbosa; Di Fanti, 2020, p. 187).

Portanto, para as pesquisadoras, os gêneros do discurso devem ser compreendidos de forma indissociável com o enunciado, sendo esse igualmente um propósito de Bakhtin; um enunciado é irrepetível, porém está em constante dialogismo com outros enunciados já pronunciados e outros que ainda serão ditos. Também todo enunciado, é dito dentro de uma determinada esfera discursiva e de um determinado gênero do discurso, possuindo uma intenção, ou seja: sempre será carregado de relações axiológicas. Em relação ao projeto de crônicas de Alfonsina Storni, por exemplo, buscou-se um contexto histórico de muitas transformações e houve por parte da autora a escolha do jornal visando a intencionalidade de atrair um maior número de leitores e atingir o público feminino também. Nessa conjuntura, o composto de enunciados usados pela autora dentro do gênero crônica e postos na esfera discursiva do jornal e contexto social de Buenos Aires da época possuem uma valoração que relaciona todos esses campos de atividades humanas - cidade, jornal, feminismo, Argentina, período histórico. Em outras palavras,

afirma-se que tais escolhas de Storni (o gênero discursivo, o contexto histórico, os enunciados, o público) refletem a intencionalidade da autora ao denunciar questões sociais da época. Não por menos que, a partir dos estudos de Bakhtin, a relação entre história, sociedade e linguagem é intrínseca, e isso é realizado graças aos enunciados. Complementando as afirmações bakhtinianas, de acordo com Barbosa e Di Fanti, “o enunciado está intimamente relacionado com uma dada época e com as condições sociais que lhe são características”. (Barbosa e Di Fanti, 2020, p. 188). Por isso, considera-se crucial uma discussão das características das crônicas de Alfonsina Storni e seus recursos de linguagem, levando em conta as transformações sociais da época e também as mudanças quanto à visão sobre as mulheres na sociedade e seus direitos. Como as prerrogativas das mulheres estavam em constante discussão numa sociedade conservadora, observa-se que o jornal é o melhor meio para evidenciar e questionar a importância da mulher em atuar nos meios públicos e ser detentora de suas escolhas. A difusão dos periódicos em Buenos Aires igualmente pode ser dialogada com os pressupostos de Bakhtin, já que, para ele, os gêneros são constituídos e desenvolvidos de acordo com as necessidades humanas, ou seja, totalmente ligados a uma conjuntura histórica e vida social.

Considerando que na antiguidade o termo “gênero” referia-se a um campo estético e artístico, Bakhtin inovou tais estudos, levando-os à vida social; o filósofo propôs buscar a natureza humana de um enunciado e a influência que o ouvinte pode estabelecer desse dentro de um gênero. Partindo do discurso e vida social, os gêneros, para o autor, são divididos em primários e secundários. Os gêneros primários surgem na comunicação discursiva imediata; já os secundários são de perfil predominante escrito (mas podem ser orais também, como, por exemplo, uma palestra), abarcando um perfil ficcional, sócio político, científico, etc., e geralmente são oriundos de um gênero primário. Analiso que essa classificação se associa totalmente com o projeto de Alfonsina Storni e também com o objetivo do trabalho em compreender seus recursos para aproximar as suas ideias das leitoras em Buenos Aires. Primeiro, considero como um gênero primário as ideias que

circulavam em Buenos Aires a respeito de uma maior inserção das mulheres nos meios públicos e portadoras de seus direitos e também as discussões que existiam nas organizações feministas da época. O que Storni fez, como forma de deixar um maior número de leitores e leitoras a par desses temas, foi incorporá-los em um gênero secundário, escolhendo a crônica, que era um tipo de texto rápido de ser consumido na época, no jornal, meio de comunicação que teve maior expansão no início do século XX na Argentina. Essa transposição de gênero primário a secundário foi um dos recursos de Alfonsina Storni para aproximar-se com as leitoras da época e deixá-las informadas sobre questões de gênero sexual que as envolviam, fomentando a compreensão do “eu sobre o “outro”:

A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários, bem como o processo de formação histórica dos últimos, lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia, linguagem e visão de mundo (Bakhtin, 2016, p. 16).

Além da noção de gênero e enunciado, compreender a concepção de discurso auxilia para o entendimento da relação de Alfonsina Storni com suas leitoras. Conforme estudo de Queirolo (2017), Alfonsina Storni utilizou estratégias dentro do próprio discurso para aproximar-se do público feminino. Dialogando ao objetivo do artigo, enxerga-se como fundamental compreender a importância do discurso na relação da autora com suas leitoras. Assim, estabelece-se o conceito de discurso proposto por Bakhtin, que, indissociável ao enunciado e ao gênero, significa uma unidade da comunicação que leva em consideração não apenas aspectos e escolhas linguísticas, mas também a intencionalidade reflete vozes sociais mais amplas, como normas culturais, ideológicas e históricas. Fundamental enfatizar também que esse discurso sempre será carregado de ideologia e baseado na noção de dialogismo, pois carrega em si significados históricos, o que implica que o diálogo sempre responde e se posiciona em relação a outros discursos que circulam em uma determinada comunidade linguística e cultural.

Dessa forma, cada discurso não existe isoladamente, mas em constante diálogo com outros discursos, além de constituído por enunciados. Conforme Bakhtin:

Cada enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado, como a mônada de Leibniz, reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes na cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os mais distantes - os campos da comunicação cultural) (Bakhtin, 2016, p. 60).

Logo, a comunicação discursiva é carregada de enunciados que refletem as esferas culturais e das atividades humanas. Em meio ao gênero discursivo, existe como nome dado a todo esse processo uma “relação dialógica” que, na conjuntura do trabalho de Alfonsina Storni, está presente nesse contato com as leitoras. Conforme Barbosa e Di Fanti (2020), o diálogo é constituinte da interação discursiva, sendo fundamental sua compreensão para o entendimento dos gêneros. Logo, o diálogo também é indissociável ao gênero discursivo, sobretudo pelo viés ideológico que o permeia. Desse modo, a filosofia bakhtiniana:

apresenta a importância do diálogo estrito (face a face) como uma forma de ideologia do cotidiano que, ao ser incorporada no gênero secundário, como é o caso do romance por exemplo, transforma também seu modo de refletir e refratar a realidade, alimentando os sistemas ideológicos constituídos (Bakhtin, 2016, p. 195).

Dessa forma, o diálogo para Bakhtin não é um campo pacífico, mas sim de disputa e carregado de viés ideológico. Essa reflexão pode ser incorporada às ideias stornianas e temáticas de suas crônicas: verificando a transposição de gênero primário (discussões sobre os direitos da mulher na sociedade) a secundário (crônicas em jornais retratando essa temática), o posicionamento ideológico da escritora foi fundamental não apenas para essa incorporação, mas também para aproximar-se do público feminino da época e

manifestar suas ideias, pois houve um parecer de Alfonsina Storni frente ao que denunciava em seus textos. No artigo de Barbosa e Di Fanti (2020) comenta-se também que todo enunciado é pleno de tonalidades dialógicas, “que podem ser desveladas quando nos debruçamos sobre os fios ideológicos que lhe compõem”. (p. 196), ou seja: quando interpretadas e compreendidas pelas leitoras de Storni, existe uma aproximação e reconhecimento identitários dos temas trazidos pela cronista. Segundo Storni, no material de Stella Longo (2017):

Es importante resaltar la responsabilidad con que Storni se integró a este complejo campo cultural argentino, ampliado democráticamente también gracias a la voluntad de las mujeres por ocupar el ámbito político. En literatura, periodismo, vida intelectual y profesional las mujeres demostraron la legitimidad del aporte feminista. Storni, consciente del desequilibrio entre la aceleración de la historia y la caducidad de los discursos institucionalizados que pretendían seguir orientando al nuevo cuerpo social femenino de la nación deja claro, en su labor periodística, que la mujer no estaba ya dispuesta a tolerar los caducos límites intelectuales sociales y políticos y que se encaminaba decididamente al logro de su emancipación (Longo, 2017, p. 475)

Esse propósito de Storni faz alusão à relação axiológica, ao incluir as sujeitas mulheres em seu texto, além de posicionar-se ideologicamente frente a acontecimentos sociais e históricos de sua época, possuindo esse olhar valorativo sobre as sujeitas femininas de seu tempo. Essa associação valorativa, juntamente a um posicionamento ideológico da autora, é crucial para a efetivação da conexão da autora com suas leitoras. Nessa relação dialógica não há um discurso neutralizado e imperturbável: ela é caracterizada por uma tensão, um embate com o outro e seu contexto, pressupondo uma intrínseca cadeia de responsividade.

4. ANÁLISE DA CRÔNICA “*EXISTE UN PROBLEMA FEMENINO?*” EM DIÁLOGO ÀS IDEIAS BAKHTINIANAS

Nessa última seção do artigo, como modo de exemplificação das concepções de Bakhtin analisadas, será estudada a crônica *Existe un Problema Femenino*, escrita pela autora em 1920 e assinada por Tao Lao, o pseudônimo masculino de Storni. No texto, a autora parte de algo que vem sendo dito na sociedade e traz como tema para a sua crônica, de acordo com trecho: “Así, mujeres y hombres han dado en decir que existe un problema femenino, pero quitando el adjetivo separador, vemos que no existe un problema femenino; que solo existe un problema humano.” (Storni, 2014, p. 19). Já no início do texto, como é o caso deste trecho, a autora partiu de um gênero primário (o que comentava-se na sociedade argentina da época) e incorporou essa temática em uma crônica jornalística, transpondo então um gênero primário a secundário. Na discussão do que é o *problema femenino* que se comenta na sociedade, Storni estabeleceu em seu texto um posicionamento valorativo e ideológico, ao relacioná-lo como um problema não de mulheres, mas sim da sociedade e que sua origem encontrava-se na constituição familiar, como demonstra parte do texto abaixo:

Que exista un problema humano no es, por otra parte, privativo de nuestra época: el problema humano ha existido siempre con crisis y calmas aparentes, ya que aquellas crisis eran preparadas por estas calmas. Nuestros momentos son de profunda crisis y tan revueltas están las aguas que, no pudiendo abarcarla en bloque, se han separado sus problemas: ¡problema femenino, problema social; sinnúmero de problemas! En lo que al problema femenino respecta, no hay, detrás de él, en verdad, nada más que una crisis de la familia y esta crisis de la familia contiene, en si, todos los problemas (Storni, 2014, p. 19).

Por isso, para a autora, o dito problema feminino concentrava-se no problema da estrutura familiar, podendo ser possível fazer uma alusão a uma das denúncias da autora:

o questionamento de mulheres que viviam exclusivamente no âmbito privado por conta das convenções conservadoras da época e não tinham direito às suas escolhas. Ao mesmo tempo que pressupõe essa denúncia em sua crônica, afirmou que a desintegração dessa estrutura hegemônica familiar era algo que caracterizava a época em que vivia. Nota-se também que a escolha da crônica jornalística como gênero discursivo é certa ao trazer questões atuais que chamam a atenção por serem inovadoras na época e colocam a escritora à frente de seu tempo por opinar ideologicamente sobre a questão feminina. Além disso, por estar falando de mulheres de um modo tão inovador para a época, chama a atenção de leitoras, por vezes identificando-se com o seu texto, estabelecendo um vínculo dialógico entre autora e leitora. Observa-se também que esse texto - como toda a linguagem para Bakhtin - pressupõe uma resposta, ou seja: Storni expressa seu descontentamento, sua crítica, e espera uma aproximação do público com seu texto assim, da mesma forma que uma identificação do leitor com o que traz como temática.

Ao longo da crônica, Storni vai construindo o seu argumento, descrevendo de que forma ocorre a desintegração familiar até, por fim, relacioná-la com o problema feminino: “El problema femenino, que es uno de sus aspectos, desaparecerá al solucionarse, si se soluciona, la crisis de la familia” (Storni, 2014, p. 20). Essa crise da família é composta, para a autora, com uma superioridade masculina, o homem como principal provedor financeiro, e na dissolução desse padrão, a mulher por fim ganharia a equidade e o direito em estabelecer suas próprias escolhas e, em alguns momentos, também ser autoridade na família, de mesmo modo que os homens. Em relação às ideias bakhtinianas, enxerga-se aqui, mais uma vez, a relação valorativa da autora com um público feminino que deseja aproximar-se para que este se identificasse com o que a autora denuncia e passasse a reivindicar os seus direitos na sociedade. A ideia de discurso também é aparente, pois a crônica não representa apenas um grupo seletivo de mulheres, mas toda uma conjuntura histórica e social; assim, a crônica evoca distintas vozes sociais, tendo como base uma estrutura social familiar que existe em diferentes contextos e fazendo com que várias mulheres se identifiquem. Além disso, há a ideologia, a qual é sempre inerente ao

discurso, ressaltando o ponto de vista da autora acerca da situação que presenciava em sua época. A ironia também é bastante presente no texto, como na relação entre problema feminino e enfermidade social:

Nos explicamos: opinaríamos que nuestra civilización está como un organismo gravemente enfermo al que se le están aplicando distintas inyecciones. Sin inyecciones se muere; con inyecciones se muere igualmente, pero se cree que se vive. El problema femenino, resuelto de la medíocre manera actual, permitiendo una que otra libertad a la mujer de orden moral, civil o político, vendría a ser una de las tantas inyecciones alentadoras. (Storni, 2014, p. 21).

Nessa parte da crônica, Storni relaciona o problema feminino como uma doença. Ironicamente, utiliza a relação do problema com o termo *inyecciones*, referindo-se a aspectos que são levados, discutidos, porém não são resolvidos. Dialogando com a conjuntura da época, isso fica bastante claro a crítica da escritora com a falta de direitos das mulheres na sociedade, alegando que os discursos existentes na sociedade em geral ainda eram muito escassos e não resolviam o verdadeiro problema das mulheres. Portanto, a liberdade da mulher, para Storni, ainda era algo distante da realidade em que vivia e muito ainda deveria ser conquistado e reivindicado; usa-se aqui o poder da linguagem para fazer a sua denúncia e aproximar um grupo de leitoras mulheres de tais temáticas também estejam conscientes do que também as pertence: o direito de fazer as suas próprias escolhas. Certamente, em alusão aos pressupostos bakhtinianos, essa é uma das principais compreensões responsivas esperadas por Alfonsina Storni em seu projeto jornalístico às mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo analisou-se como a teoria bakhtiniana, a partir das representações de gênero, discurso e valoração em meio a uma relação dialógica, pode auxiliar a

compreensão do elo que Alfonsina Storni buscou estabelecer com o público feminino através de suas crônicas em seu contexto de produção. É inegável que, para chegar às mulheres leitoras em sua época, Storni precisou utilizar recursos de linguagem para enfatizar suas denúncias sociais. Para isso, precisou ser uma escritora à frente de seu tempo, como forma de destacar, a partir de sua história de vida, como presenciava os seus descontentamentos diante da sociedade em que vivia. Para isso, realizou-se um breve panorama histórico, social e cultural de Buenos Aires nas duas primeiras décadas do século XX, já que a historicidade é muito presente nas crônicas de Alfonsina Storni e também inerente à linguagem para Bakhtin. Apresentou-se também algumas características marcantes nos textos jornalísticos de Alfonsina Storni, e posteriormente relacionando tais ideais com as definições bakhtinianas; o propósito do estudo não foi mostrar se essas conceituações aparecem ou não, pois para o autor elas encontram-se em qualquer esfera da linguagem, mas de que forma podem ser articuladas com as asserções trazidas por Storni. Nessa ponderação, verificou-se como tais noções bakhtinianas encontram-se evidentes e indissociáveis, sobretudo a relação valorativa e ideológica que a autora precisou estabelecer como forma de intensificar o seu contato com o público feminino leitor. Na crônica *Existe un problema femenino* tais ideais foram discutidos e concluiu-se que, de acordo com o objetivo do trabalho, era necessário na época que existisse esse diálogo da autora com suas leitoras, a fim de provocar uma compreensão responsiva que propunha uma transformação social no modo em que as mulheres eram vistas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953/1979). In: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016, p. 11-69.

BAKHTIN, M.; (VOLOSHINOV, V. N.). **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Trad. C. A. Faraco e C. Tezza. [S. l.]. 1993.

BARBOSA, V. F.; DI FANTI, M. G. C. Notas sobre gêneros do discurso em Bakhtin, Volochinov e Medviédev. *In*: ROCHA, Décio; DEUSDARÁ, Bruno; ARANTES, Poliana; PESSÔA, Morgana (org.). **Em discurso 4 – Pesquisar com gêneros discursivos: interpelando mídia e política**. Rio de Janeiro: Cartolina, 2020, p. 185-200.

DELGADO, J. **Alfonsina Storni**: una biografía esencial. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

FARACO, C. Bakhtin e Filosofia. **Revista Bakhtiniana**. São Paulo, v.12, n.2, Maio/Ago. 2017, p. 45-56. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2176-457331815>> Acesso em 26 jun 2024.

FAUSTO, B. e DEVOTO, F. **Brasil e Argentina**: um ensaio de história comparada (1850– 2002). São Paulo: Editora 34, 2004.

LONGO, S. M. La prosa periodística de Alfonsina Storni por los derechos civiles de las mujeres. Alfonsina Storni y el campo intelectual. *In*: GUARDIA, S.B. **Mujeres que escriben en América Latina**. Lima: Centro de Estudios La Mujer en la Historia de América Latina, 2007, p. 465-480.

QUEIROLO, G. Una modernidad femenina: las crónicas de Alfonsina Storni. **Feminaria literaria**, Universidad de Chile, ano XXI, v. 19, p. 103-109, 17 abr. 2007. Disponível em: <https://www.academia.edu/38396991/Una_modernidad_femenina_las_cr%C3%B3nicas_de_Alfonsina_Storni>. Acesso em 23 set. 2022.

SARLO, B. **Modernidade periférica**: Buenos Aires 1920 e 1930. Trad. Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

STORNI, A. ¿Existe un problema femenino?. *In*: STORNI, A. **Un libro quemado**. Organização de Graciela Queirolo, Alicia Salomone e Mariela Méndez. Buenos Aires: Editorial Excursiones, 2014, p. 19-22.

Data de recebimento:01/11/2024
Data de aprovação:10/12/14